



UFES

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Licenciatura Intercultural Indígena
PROLIND

**GUATA PORÃ: A FORMAÇÃO DA ALDEIA KAAGWY
PORÃ NO MUNICÍPIO DE ARACRUZ-ES.**

Maynõ Cunha da Silva

Aracruz - ES
2022

Maynõ Cunha da Silva

Graduando em Licenciatura Intercultural Indígena
PROLIND-UFES

GUATA PORÃ: A FORMAÇÃO DA ALDEIA KAAGWY PORÃ NO
MUNICÍPIO DE ARACRUZ-ES.

Orientador:

Prof. Dr. Henrique Antônio Valadares Costa

Trabalho de Conclusão de Curso

Aracruz-ES

2022

Sumário

1. INTRODUÇÃO	4
2. APRESENTAÇÃO	4
3. JUSTIFICATIVA	6
4. PROBLEMATIZAÇÃO	8
5. OBJETIVO.....	11
6. METODOLOGIA.....	11
6.1. Roteiro de perguntas:.....	12
7. REFERENCIAL TEÓRICO	14
8. CRONOGRAMA.....	15
9. O POVO GUARANI	15
10. GWATA PORÃ.....	22
11. OS GUARANI NO ESPÍRITO SANTO	24
11.1. Quem são os Guarani no Espírito Santo?	24
11.2. A primeira fase da migração Guarani no Espírito Santo	26
11.3. A segunda fase da migração Guarani no Espírito Santo.....	27
11.4. As migrações e a busca da Terra Sem Males na construção do Espaço Guarani.	28
11.4.1. A aldeia Boa Esperança - Tekoa Porã.....	31
11.4.2. A aldeia Piraquê-açu	31
11.4.3. A aldeia Três Palmeiras - Mboapy Pindo	32
11.4.4. A Aldeia de Olho D'água - Tetxa Ry	33
11.4.5. Aldeia Nova Esperança - Kaagwy Porã.....	35
CONCLUSÃO:	37
REFERENCIAS	38

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta aspectos gerais sobre a população Guarani do Estado do Espírito Santo a partir do surgimento da aldeia Kaagwy Porã. Retrata a existência do povo Guarani no Espírito Santo e a caminhada em busca da Terra sem males. A justificativa dialoga sobre a importância das histórias indígenas escrita pelos próprios indígenas. Também surge da necessidade de relatar o genocídio dos Guarani de Pancas na década de 1930 e a caminhada de Maria Candelária – Tatatxi Ywa Rete às terras capixabas.

A problematização surge com o intuito de compreender como a caminhada do povo Guarani ocorre nos dias atuais e como foi o processo de fundação da aldeia Kaagwy Porã, no município de Aracruz- ES.

A metodologia propõe a realização de pesquisa de campo, na qual serão entrevistadas famílias das comunidades Guarani do Estado, a partir do uso de câmera filmadora. O referencial teórico discute a utilização dos textos das autoras Kalna Mareto Teao, Celeste Ciccacore para revisar o material didático existente sobre a caminhada de Tatatxi Ywa Rete e os guarani de Pancas. E também o uso Manual de História Oral de Verena Alberte (ALBERTE, 2005) para o desenvolvimento da pesquisa.

2. APRESENTAÇÃO

O povo Guarani teve sua origem na Amazônia brasileira, a partir daí, o povo se distribuiu pela América do Sul em busca da **Ywy Marae'y** (Terra Sem Males).

A Terra sem males é o “paraíso” dos Guarani, uma terra de abundância e sem sofrimento. Muitos acreditam que o **Ywy Marae'y** é uma ilha do outro lado do mar. Mas, a Terra Sem Males, está conceituada no plano espiritual, na qual, nem todos conseguem alcançar.

E assim como os anciãos Guarani dizem: "**Amõgwe ma oatxa yy guatxu rowai, amõgwe ma anyĩ**", dizendo que alguns passam para a terra sem males e outros não.

Os **Txamoi** (Anciãos) das aldeias Guarani dizem que é preciso alcançar a plenitude espiritual a partir dos ensinamentos de **Nhãderu ete** (Nosso Pai Verdadeiro), para chegar à Terra Sem Males. Todo indivíduo

Guarani é ensinado a partir a casa de reza para que se prepare e um dia alcance o **Ywy Marae'y**. Acredita-se que nessa terra, apenas estão de passagem, vivência o **TEKOATXY**¹ e se provar digno de alcançar a **Terra Sem Males**.

Os Guarani sempre foram um povo muito religioso, observando sempre os sinais de **Nhãderu Eté** (Nosso Pai Verdadeiro) que muitas das vezes vinha em sonhos.

Com a chegada dos **Ywy po kwery** (os que roubam a terra), a caminhada já não era apenas em busca da sonhada Terra Sem Males desse povo guerreiro, mas também, a busca por lugares onde não seriam despejados, atacados e escravizados, onde pudessem sonhar com o **Ywy Marae'y** (Terra sem males) e assim cada vez mais, não apenas o povo Guarani, mas todos os povos foram perdendo cada vez mais espaço, ao ponto de muitos hoje não existirem, outros continuam sendo atacados e tantos outros sem-terra tendo que morar em lonas a beira de asfaltos, ou em áreas reduzidas. Na marginalização acentuada em meio a esse cenário, **Tatatxi Ywa Rete** ouviu o chamado do **Djeguata Pora** (Caminhada Sagrada), na década de 1930.

Maria Candelaria (Tatãtxy Ywa Rete), nascida na aldeia de Palmeira Sagrada, no Paraguai, foi uma líder espiritual Guarani que mobilizou a caminhada dos Guarani Nhãdewa'e Tãbeope do município de Santa Maria- RS até o município de Aracruz- ES, onde fundou a aldeia Tekoa Porã (Boa Esperança), localizado no distrito de Santa Cruz.

Logo, ela falou sobre o seu sonho, onde **Nhãderu** lhe disse para caminhar. Então, eles saíram de Santa Maria- RS, um pequeno grupo do clã Guarani Nhãdewa'e Tãbeope. Assim, Tatãtxy caminhou com seu povo do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo quando se estabeleceu.

¹ Tekoatxy é essa vida que a agente leva... Você está entre o tekoatxy e a parte espiritual. Então quando você está ligado espiritualmente, você está no meio a meio... Tekatxy é o que as vezes a gente quer alcançar alguma coisa positiva e não consegue alcançar esse patamar alto, o patamar espiritual. Porque o que não é tekoatxy é o mundo espiritual, é o mundo de Deus, é o mundo celestial. Isso não é tekoatxy. Tekoatxy somos nós nessa terra. Nós sofremos, nós sentimos dor, choramos... Isso se chama tekoatxy. Tekoatxy também é quando a pessoa não está vivendo bem, vive em constante sofrimento, isso é tekoatxy, dificuldade, vida difícil.

Essa caminhada teve um trajeto, como mencionado, muito longa e de diversas paradas. O grupo vinha parando em alguns lugares e constituindo aldeias. Paravam e ficavam nos lugares as vezes por um ou dois anos até chegaram ao Espírito Santo, na década de 1970. Eles paravam por diversos motivos, as vezes em decorrência de gravidez das mulheres, a necessidade de realizar os partos e também o cultivo do **awatxi ete'í**², com intuito de renovar as sementes tradicionais e não perde-las, assim eles paravam e constituíam aldeias guarani onde hoje estão as aldeias de Silveira e Ubatuba no Estado de São Paulo, Araponga e Parati Mirim no Estado do Rio de Janeiro.

O **Djeguata** dos Guarani não é uma prática atípica. Os anciãos dizem que o povo Guarani caminha em busca da **Terra sem Males** desde que **Nhãderu** os criou, antes mesmo dos **Ywy po kwery** pisarem aqui nesta terra.

Enquanto Maria Candelária, **Tatatxi Ywa Reté**, se deslocava rumo ao norte, outros clãs se deslocavam para outros lugares deste país e inclusive para a mesma direção, como é o caso de muitas famílias vindo de outros lugares que se juntaram ao **guatá** de **Tatatxi Ywa Reté** e o caso do povo Tupi-guarani de Pancas. Essas são uma das questões a serem desenvolvidas neste projeto de pesquisa.

3. JUSTIFICATIVA

A partir desta pesquisa, procura-se contar a história do ponto de vista indígena, com intuito de esclarecer a realidade povo Guarani capixaba na atualidade, além de relatar os fatos sobre o genocídio dos parentes Tupi-guarani no município de Pancas, região noroeste do Estado do Espírito Santo. Um episódio terrível na história do Espírito Santo, em que uma aldeia com 233 teve várias pessoas mortas por envenenamento e não por epidemia de malária, como diz a narrativa oficial.

Deste massacre, o Senhor Bonifácio, quando relatou que nos primeiros sintomas, as pessoas começavam a ficar tonta, depois ficavam de cama e morriam. O Senhor Bonifácio, na época com 16 anos de idade, anos mais tarde

² Milho Sagrado – Uma das variedades das sementes tradicionais, carregadas pelos Guarani a séculos. O awatxi ete'í é um alimento muito importante para os Guarani. Ele é utilizado na cerimônia de batismo dos Guarani.

prestou depoimento em um documentário³ que relata o genocídio, sendo a única testemunha. Infelizmente, o senhor José Bonifácio veio a falecer aos 86 anos de idade na aldeia de Parati Mirim no Estado do Rio de Janeiro, alguns meses após relatar sobre o ocorrido em sua aldeia.

Além disso, consideramos importante que a presente pesquisa venha a relatar as caminhadas recentes do povo Guarani, mostrar as aldeias fundadas por Tatatxi em sua caminhada, como forma de fortalecer o direito aos territórios indígenas, como povo originário desta terra, ao qual enfrentam diversas jogadas políticas de desterritorialização e ameaça aos direitos e aos povos indígenas do país.

Sobretudo, a pesquisa, visa mostrar que o *Guatá* dos Guarani ainda é praticado e não um evento preso aos relatos históricos, além de mostrar as dificuldades de continuar o *Guatá* dos antepassados desse povo com as adversidades do presente.

³ Documentário realizado por Rogério Medeiros e Antonio Carvalho intitulado “Genocídio Guarani” de 2012.

4. PROBLEMATIZAÇÃO

O Guata porã do povo Guarani, não é uma caminhada onde por si só escolhem um lugar para morar. Os xamãs sonham e recebem os sinais de Nhãderu dizendo para onde eles devem caminhar. Todo o continente da América do sul antes da chegada dos não-indígenas já era habitado pelo povo Guarani e eles caminhavam por todos os lugares. Seguiram (e ainda seguem) a vontade de Nhãderu, para que eles caminhassem.

Com o processo de colonização europeu, a formação dos Países, Estados e desenvolvimento de políticas, o Guata porã começou a sofrer influência de interesses externos ao povo Guarani. Desde a divisão do território entre Portugal e Espanha, e logo, o interesse a cobiça pelos territórios indígenas como áreas de exploração. Com isso, os territórios tradicionais ficaram à mercê dos interesses mercantis de exploração de mão-de-obra indígena além da exploração de matérias primas como a madeira, implementação de latifúndios (atualmente denominados “agronegócio”) e monoculturas agrícolas, grandes mineradoras, dentre outros interesses do capitalismo.

Assim permanece até os dias atuais, onde muitas aldeias indígenas estão cercadas por grandes empreendimentos, como é o caso da aldeia Kaagwy Porã. Está atualmente é cercada pelo plantio de eucalipto da empresa Suzano S.A (antiga Aracruz Celulose).

A mesma aldeia foi demarcada no ano de 2010 a partir da reivindicação do território Tupinikim e Guarani. Essa demarcação graças a esse processo de luta e conquista dos próprios indígenas. Neste contexto, com pressões de grandes interesses econômicos, Tatatxy sabia que tinha que caminhar rumo ao norte assim como Nhãderu lhe havia revelado. Ela foi seguindo sempre a faixa litorânea.

Ao chegar ao Espírito Santo, ela e o seu grupo foram levados pelo SPI⁴, para a Fazenda Guarani no Estado de Minas Gerais, município de Carmésia. Este fato tirou o grupo Guarani Nhãdewa'e de sua rota original, levado a um lugar, de forma impositiva, distante do mar, interferindo na dinâmica de mobilização do grupo.

⁴ O Serviço de Proteção aos Índios (SPI) foi criado em 1910 e operou em diferentes formatos até 1967, quando foi substituído pela Fundação Nacional do Índio (Funai), que vigora até os dias de hoje.

Todavia, esta não foi a primeira vez que o Espírito Santo contou com a presença do povo Guarani. Anos antes, nas décadas de 1930(SCHADEN, 1975), o SPI criou uma reserva indígena em Pancas para aldear os “bravos” botocudos⁵, porém os botocudos era um povo nômade e não se limitavam a reserva estando em constante movimentação(FREIRE, 2014). O SPI então localizou um grupo no Estado do Pará guiado pelo xamã Capitão Pedro, ao qual o senhor José Bonifácio que na época tinha 16 anos fazia parte. Cerca de 300 índios chegaram à reserva indígena de Pancas em “paus-de-arara”.⁶

Nessa época, as terras em Pancas eram muito cobiçadas, e eram conhecidas como as terras mais férteis do Estado e portando sofria grande pressão por partes de fazendeiros da região. Com isso, ainda nos anos 30, a aldeia inteira foi assassinada por envenenamento da água do córrego que faziam o uso. O fato não foi registrado na época, ficando em segredo por muitos anos, portanto a reserva indígena foi dada como devoluta e hoje é propriedade particular.

O grupo de Tatatxi foi levado de forma forçada para a fazenda guarani em Minas Gerais no município de Carmésia, lá permaneceram entre 1973 a 1979. O fato do estabelecimento indesejado dos Guarani em Minas Gerais já era um fator para a saída deles da fazenda Guarani⁷, além de reclamarem de péssimas condições de vida no local, além de solo precário para cultivo, a inexistência de rios para pesca e sobretudo a falta de materiais naturais para produção de artesanato que na época era uma das poucas fontes de renda do grupo. Porém, acredita-se que o grande estopim para a saída dos Guarani de MG, tenha sido a morte de um neto e um bisneto de Tatatxi Ywa Rete. Assim, os Guarani voltam para o Espírito Santo em fundaram a aldeia de Boa Esperança – Tekoa Porã

A aldeia Kaagwy Porã foi fundada no ano de 2015, pelo cacique Marcelo Guarani – Werá Djekupe, nascido na Fazenda Guarani, bisneto de Tatatxi Ywa Rete. A aldeia representa a continuação da caminhada da anciã e

⁵ Botocudo é um nome pejorativo dado a indígenas do povo Borum de tronco- linguístico Macro-Jê. Atualmente os Borum estão nos Estados de Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo.

⁶ “Pau-de-arara” é um meio de transporte irregular substituto improvisado do ônibus convencional.

⁷ Fazenda Guarani – Foram criados durante a ditadura militar, reservas para agrupar indígenas de diversas etnias diferentes.

o comprimento de uma sonho, na qual sua bisavó sonhara com ele recebida em suas mãos, algo que parecia uma canoa, isso seria um sinal de algo bom que estaria por vir no futuro. Ainda que em escala menor e limitada a uma área demarcada, a fundação da aldeia representa o Guata nos dias atuais. A comunidade surge a partir da promessa de um lugar para viver em paz, praticar o modo de vida guarani (TEAO; LOUREIRO, 2009).

A comunidade tem recebido intenso fluxo de migração. A aldeia é composta por aproximadamente 43 famílias, com a presença de três subgrupos Guarani, mbya, nhãdewa e tiripa. Muitos da aldeia são remanescentes de Tatãtxy Ywa Rete, carregam a experiência de saírem das aldeias localizadas próxima dos bairros e às margens da rodovia ES-010 para o interior da TI Tupinkim e Guarani.

Há ainda algumas famílias que vieram de outros Estados, como Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro. E todos possuem a experiência comum de saírem de um Estado para o outro em busca de um lugar ideal o bem-viver.

Por muitas vezes na história dos povos indígenas, as histórias se repetem, o drama pela reconquista de seus territórios e a reprodução do seu modo de ser indígena. Vivenciar essa prática tem se tornando cada vez mais árdua, mas não sem luta, e com a vontade de fortalecer a própria cultura, preservando a língua materna e todos os outros aspectos que são determinantes aos Guarani

5. OBJETIVO

A presente pesquisa tem como objetivo principal compreender como a caminhada do povo guarani ocorreu no século XX e como ocorre na atualidade dentro de suas manifestações no Estado do Espírito Santo, buscando compreender os fatos necessários a partir da bibliografia existente sobre a caminhada de Maria Candelária - *Tatatxi Ywa Rete* e dos Guarani de Pancas - ES no período do século XX. Com isso, pretende-se descrever além da aldeia Boa Esperança, também a formação das aldeias Guarani de Três Palmeiras, Piraquê-açu, Olho Dagua e a mais nova aldeia Kaagwy Porã fundada no ano de 2015, com intuito de entender a movimentação das famílias Guarani dentro e fora da Terra indígena Tupinikim e Guarani em busca de um lugar ideal, propício para a reprodução do modo de vida Guarani.

6. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta monografia serão utilizados elementos teóricos metodológicos sobre a história oral e levantamento bibliográfico das populações que são objetos de estudos na formação da aldeia como consta no objetivo. O enfoque dessa metodologia busca contatar novos dados sobre o Guata em um recorte regional. Para tal, foi selecionado um conjunto de perguntas para 10 famílias (podendo ser ampliado). Para a realização da pesquisa, as perguntas serão divididas em três categorias, são elas:

1. Famílias de outros Estados que vieram recentemente ao Espírito Santo;
2. Famílias que fizeram parte da caminhada de *Tatatxi Ywa Rete* e;
3. Famílias que vieram no início dos anos 2.000.

As perguntas serão voltadas a relação do Guata Porã com as famílias, a importância dessa prática, as dificuldades de se caminhar nos dias atuais e com elas são realizadas. Também será explorado o processo de formação da aldeia Kaagwy Porã como exemplo da continuidade do Guata porã e, sobretudo, a continuidade da caminhada de *tataxi Ywa Rete*.

Para cada entrevistado será elaborado um roteiro individual, baseado na biografia de cada previamente coletada. Em seguida, serão aplicados a

partir destes roteiros individuais as entrevistas. Cada entrevista será gravada com a devida autorização de cada pessoa.

Com a coleta dos dados dos entrevistados será realizado o cruzamento das informações, ao mesmo tempo que serão feitas as transcrições das entrevistas gravadas com câmera filmadora Canon EOS REBEL SL3.

6.1. Roteiro de perguntas:

1- Aonde você nasceu?

2- por que resolveu caminhar com Tatatxi Ywa Reté?

3- como vocês se denominam? (Mbya, Nhadewa'e, Tiripa ou etc)

4- por quais lugares vocês passaram ?

5- De onde vocês começaram a caminhada?

6- qual a importância do guatá Porã?

7 - o que é o Ywy Marae'y?

8- por que os guarani praticam o guatá Porã?

9 - o que é o Tekoatxy?

10- quais são as dificuldades de se praticar o guatá Porã nos dias atuais?

11- como acontece o guatá Porã nos dias de hoje?

12- por que resolveram caminhar para a aldeia Kaagwy Porã?

13- a partir de quais demandas surgiu a necessidade de Fundar a aldeia Kaagwy Porã?

14- onde moravam antes de chegar à aldeia Kaagwy Porã?

15- o que é necessário para alcançar a terra sem males?

16- vocês teve contato com os guarani de Pancas?

17- o que é Teko Porã?

18- você acreditar que ainda é possível praticar o teko Porã a partir do cenário atual?

19- a prática do guatá Porã ainda é presente nos dias de hoje?

20- qual a importância do guatá para o povo Guarani?

21- como você descreveria a travessia da Terra Sem Males?

22- o que te impulsionou vim para a aldeia Kaagwy Porã?

7. REFERENCIAL TEÓRICO

Como referencial metodológico, será utilizado a tese desenvolvida por Celeste Ciccarone publicado em 2001 com o título “Drama e sensibilidade: Migração, Xamanismo e Mulheres Mbya Guarani” (CICCARONE, 2001) que trouxe os relatos sobre os guarani no final do século XX, na qual discute o drama social da comunidade de Tekoa Porã após o falecimento da anciã Tatatxi Ywa Rete. A tese também relata sobre os Guarani de Pancas na década de 30, além de trazer os fatos sobre as migrações Guarani, o modo de vida e a fuga de Tatatxi Ywa Rete e sua família da Fazenda Guarani em Minas Gerais de volta ao Espírito Santo. A pesquisa realizada pela Kalna Mareto Teao, com o título “Território e identidade Guarani Mbya do Espírito Santo” (TEAO, 2015, 2018) também será utilizada como referencial teórico, na qual traz os relatos sobre a situação das aldeias Guarani no período recente além do seu artigo “A transferência dos Guarani Mbya para Carmésia”, apresentado no XVIII Encontro de História da ANPUH-RIO: Histórias e Parceria, que discute sobre os Guarani na em Minas Gerais e a sua volta ao Estado do Espírito Santo.

O livro Guata Porã, pesquisa realizada em 2015, com a coordenação do Centro de trabalho Indigenista (CTI), a partir do Programa Guarani também servirá como material de apoio, tendo em vista que contém diversos depoimentos de anciãos das aldeias do sul e do sudeste do Brasil, discutindo temas sobre a criação do universo, o modo de vida Guarani, a caminhada sagrada e a chegada dos não indígenas. Para o desenvolvimento das entrevistas e a coleta de dados pela oralidade será utilizado também o “Manual de História Oral” de Verena Alberti.

8. CRONOGRAMA

O cronograma aqui proposto foi elaborado com base na proposta do Manual de História Oral de Verena Alberti (ALBERTE, 2005)

Atividades/Meses	1	2	3	4
Pesquisa e elaboração/refinamento do roteiro geral das entrevistas	X			
Contatos iniciais e elaboração dos roteiros iniciais das entrevistas	X			
Tratamento e processamento (passagem para a forma escrita e elaboração dos instrumentos de auxílio da pesquisa)		X		
Edição das entrevistas		X	X	
Produção do Texto do TCC	X	X	X	X

9. O POVO GUARANI

O povo Guarani foi um dos primeiros povos indígenas que tiveram contato com a população europeia. Ainda assim, estão entre as cinco etnias mais numerosas do Brasil na atualidade. É difícil mensurar o tempo estimado que essas populações habitam esse território, mas, alguns pesquisadores apontam que os povos do tronco Tupi habitavam a região amazônica a pelo menos 5.000 anos (BROCHADO, 1989; NOELLI, 1993; URBAN, 1992). Durante esse período a nação *Guarani* já havia caminhado por grande parte da América do Sul. Com a chegada dos europeus, novas fronteiras foram impostas. Havia uma concentração robusta na região onde hoje é o país Paraguai. Nessa concentração a população Guarani acredita que ali é centro do mundo, o *Ywy Mbyte* e que dela também partimos para a terra sem males.

Mesmo diante do processo agressivo da colonização dos europeus, os *Guarani* são um dos poucos povos do litoral que ainda conservam sua língua e seu modo de ser tradicional. Essa população está presente em vários países do continente como a Argentina, Paraguai, Bolívia e o Brasil (LADEIRA, 2015a). Em outros países, os subgrupos *Guarani* possuem outras denominações. No Paraguai, por exemplo, os *Nhãdewa'e* ou *Tiripa* são chamados de *Avá-Guarani*, os *Kaiowa* de *Paĩ-Tavyterã*. Na Argentina e na Bolívia os *Ava-Guarani*

e *Isoseño*, são conhecidos como *Chiriguanos* ou *chahuancos*. Também de *Gwarayú*, *sirionó*, *Mbía/Yuki*, *Guarasug'we* na Bolívia, e *Tapieté/Guarani-Ñadeva* no Paraguai e Argentina. No Paraguai também é chamado de *Aché*. De acordo com o mapa Guarani continental, em solo sul-americano(ENDEPA, 2016):

(...) são mais de 280.000 pessoas, unidas por uma língua e cultura comuns, distribuídos em 1416 comunidades, aldeias, bairros urbanos ou núcleos familiares, desde o litoral do atlântico até a região pré-andina (...) (Ibidem, p.6).

Na Argentina, os *Guarani* foram contabilizados em 54.825 indígenas reconhecidos pela reforma constitucional, do ano de 1994 que “[...] reconhece que os povos indígenas são pré-existentes étnica e culturalmente a nação argentina [...] (artigo, Inc.17)”. No ano de 2006, foi promulgada a lei Nacional 26.160 de “Emergencial Territorial indígena” para regularizar o levantamento de território de uso das comunidades, porém, até o ano de 2016, na província de Misiones, de 120 comunidades, apenas foi realizado o levantamento territorial de 37,5%. Ainda na Argentina, na província de Salta e Jujuy, os *Guarani* somam 45.000 habitantes, remanescentes de migrações impulsionados pelos conflitos bélicos com o Estado boliviano e pela ocupação das terras indígenas por fazendeiros em meados do século XIX que resultaria na derrota dos *Guarani* na batalha de *Kuruyuki* no ano de 1892. Anos mais tarde, entre 1951 à 1935, os grupos que haviam se refugiado, foram surpreendidos pela Guerra do Chaco.

[...] Muitos deles tiveram que buscar refúgio nas terras do norte argentino, principalmente nas províncias de Salta e Jujuy, e empregando-se na safra nos engenhos açucareiros e nas fazendas de plantação de banana e cítricos e nas serrarias [...] (ENDEPA, 2016, p.21).”

Desta forma, os *Guarani* se concentraram em torno de oportunidades de trabalho, e assim, constituindo bairros e comunidades organizando-se em grandes núcleos familiares. Em Misiones, a população Guarani ultrapassa o número de 10.000 habitantes que estão divididos entre 120 comunidades em sua maioria composta por *Guarani Mbya* que por sua vez, possuem relações parentais próximas com os *Mbya* do Paraguai e do Brasil.

Na Bolívia a população Guarani soma 83.019, neste país, eles são conhecidos como *Chiguanos*, porém, atualmente se autodenominam Ava Guarani e *Isoseños*, mas, não podemos deixar de mencionar outros subgrupos Guarani, como exemplo, os Gwarayú (Guarayus), Sirinó (Mbia e Yuki), Tapieté e Guarasug'we que são diferentes em muitos aspectos.

[...] Vindo do leste sul-americano, antes da invasão europeia, os Guarani ocuparam as melhores terras desde o sopé dos Andes até as planícies, terras especialmente adequadas para cultivo de milho, mandioca, vários tipos de feijão, abóbora, batata-doce e amendoim [...] (ENDEPA, 2016, p.26.).

Em solo boliviano os Ava guarani e Isoseños atualmente estão distribuídos em mais de 220 comunidades em 25 áreas, somando 65.000 indígenas da etnia. Assim como em outros lugares onde se encontram o povo Guarani, na Bolívia a sua permanência nos territórios, espiritualidade e tradição está fortemente ligada com a terra e “[...]responde a uma dinâmica de processos de ocupação, avassalamento e expropriação[...]” (ENDEPA, 2016, p.27.)”.A batalha de Kuruyuki em 1892, a guerra do Chaco entre Bolívia e Paraguai de 1931 a 1935 condenou os Guarani a abandonarem seus espaços territoriais, obrigando-os a buscar abrigo em outras terras. Anos mais tarde, em 1953 é realizado a reforma agrária na Bolívia que impactou para legitimar a invasão e expulsão dos Guarani sob suas terras.

Mas, apesar de inúmeros atentados sofridos, as comunidades se uniram e estabeleceram em 1987 a APG (Assembleia do Povo Guarani), que por sua vez passou a exercer o poder de voz importante na reivindicação dos direitos indígenas, sejam elas de cunho social ou territorial, fortalecendo os movimentos de luta e autodemarcação. Sobre a permanência dos Guarani em seus territórios na Bolívia, o Estado atribui a partir da organização comunitária das capitãias e comunidades guarani a pessoa jurídica e a titulação de terras como Terras Comunitárias de Origem.

[...] Muitas das capitãias obtiveram suas terras mediante a compra, através de gestões por parte da Igreja Católica e da cooperação internacional e, em outros casos, através de processos de expropriação amparados nas leis e procedimentos realizados por meio do Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA) [...] (ENDEPA, 2016, p.27).”

Com o reconhecimento da democracia comunitária na constituição de 2009 na Bolívia, a Lei INRA passa a reconhecer o direito dos povos indígenas e originários sobre os TCO (Terras comunitárias de origem) e TIOC (Terras Indígenas Originários), assim, procedeu-se a titulação de mais de 60% das terras comunitárias Guarani.

Em solo Paraguai, a estimativa é de que os Guarani são 61.701 habitantes, divididos entre 124 comunidades *Ava-Guarani*, 170 do grupo *Mbya* e 62 comunidades do grupo *Paĩ-tavy-terã*, além de 6 comunidades do grupo *Aché* e 4 Guarani Nhãdeva. Assim como na Argentina e Bolívia, os Guarani no Paraguai também vivenciam a violação de seus direitos, os territórios tradicionais Guarani devastado pelo agronegócio, o espaço de toda a diversidade que permitirá a reprodução do *Nhãde reko*, do *teko porã*, transfigurado, convertido em monoculturas e criação de gados.

[...] De fato, estes cultivos obrigam ao desmatamento completo da área, acompanhado da expulsão de seus habitantes tradicionais. Assim, o tekohá dos **Guarani** foi destruído definitivamente.

A expulsão e o abandono dos tekohá, pela destruição de suas florestas, pelos agrotóxicos que envenenam as águas e o ar e pelo não reconhecimento de suas terras por parte do Estado são os principais ataques e a maior injustiça que os povos guarani sofrem [...] (ENDEPA, 2016, p.43,).

No Paraguai há o incentivo ao arrendamento de terras indígenas por parte do Estado com conivência de alguns caciques. É fato que num processo de construção e reprodução de uma sociedade há divergências ideológicas, no Paraguai 148 comunidades alugam suas terras, e esse fato atualmente marcam a política contra os Guarani que por sua vez são destinados a extrema pobreza e ao despejo de suas próprias terras tradicionalmente ocupadas.

“(...) O povo Avá-**Guarani** é, talvez, o mais afetado, por uma situação em que se combinam o assédio e a pressão dos colonos do agronegócio, com a inatividade de lideranças comunitárias. Seguem os **Mbyá**, os **Aché** e, em menor medida, os **Paĩ-Tavyterã**. Dos 34.320 hectares que os **Guarani** possuem nos departamentos de Canindeyú, Alto Paraná, Caaguazú e Caazapá, 16.479 são alugados [...]” (Ibidem, p.43).

Assim como em outros países de presença do povo guarani, no Paraguai os indígenas sempre se fortaleceram por meio do *Aty* – *Nheboaty* (união dos grupos, reuniões, organização) para reivindicar seus direitos a partir da união

ao longo dos anos, assim os direitos dos povos indígenas sul-americanos tem ganhado força a partir da formação de organizações políticas indígenas desde a consolidação das constituições federativas desses países, buscando garantir os direitos dos povos tradicionais, Entretanto, mesmo diante de amparos legislativos, tanto no Paraguai, Argentina, Brasil e Bolívia, os próprios Estados buscam incessantemente, brechas para a desarticulação dos povos indígenas, a legitimação da violação dos direitos dos povos tradicionais, flexibilização e incentivo a invasão e exploração dos territórios, além da violação dos direitos humanos como a morte de lideranças, crianças, jovens e idosos indígenas que na maioria dos casos ficam impunes.

Essa situação, diante da concepção de pesquisador, é possível estabelecer um panorama lúdico na qual vemos uma espécie de cabo de guerra,, de um lado observamos os povos tradicionais segurando a corda aos montes, defendendo seu território, a fauna, a flora e seu modo de vida tradicional e da outra ponta do cabo os grandes proprietários de terras, monocultores, criadores de gado, garimpeiros e grandes estatais sustentados pelas bancadas políticas que tentam puxar a corda a cada proposta de Emenda parlamentar, projetos de lei e conivência aos crimes cometidos à comunidade tradicionais e desassistência aos povos indígenas que quando conseguem recuperar o seu território, o encontrar praticamente sem vida, com afluentes e nascentes enfraquecidas, devastada, totalmente degradada, imprópria para a prática da sustentabilidade indígena.

No Brasil, a história não foi diferente, muitos povos foram exterminados e outros reduzidos a mais da metade da população total contatada no século XVI. Sobreviventes do processo da invasão europeia, os Guarani em solo brasileiro totalizavam 85.225 habitantes espalhados por grande parte do nacional até o ano de 2015.

[...] calcula-se que este contingente está assim distribuído: 64.455 na região Centro-Oeste, estado de Mato Grosso do Sul (MS); 300 nos estados de Mato Grosso (MT), Tocantins (TO), Pará (PA), Maranhão (MA); 20.500 nas regiões Sul e Sudeste, estados do Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC), Paraná (PR), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Espírito Santo (ES). (ENDEPA, 2016, p.33,)

As terras de ocupação Guarani estão em situação diferente em cada concentração do povo. Algumas aldeias são demarcadas, outras são denominadas áreas dominiais e ainda aquelas que se encontram em briga judicial, que na verdade tem se mostrado um verdadeiro genocídio dos Guarani. O conflito pelo território tradicional vem causando inúmeras mortes de indígenas [...] *Dentre os anos de 2003 e 2015 ocorreram no Brasil, pelo menos, 891 assassinatos de pessoas indígenas; destes, 426 (47%) foram no MS [...]* (ENDEPA, 2016, p.37). A situação dos Guarani se agravou com o fim da Guerra da Tríplice Fronteira em 1870, propiciando a expropriação das terras Guarani nas fronteiras entre Paraguai, Argentina e Brasil.

Nos Estados de Mato Grosso do Sul e Paraná, os Guarani começaram a sofrer as consequências da Guerra, posteriormente também atingiria outros grupos indígenas que buscavam se refugiar dos conflitos. Após o fim da Guerra da Tríplice Fronteira, houve uma grande expansão na ocupação do interior do país. O território ancestral passou a ser “engolidas” pela exploração econômica no decorrer do século XX, dando lugar a projetos agropecuários⁸, extração de erva-mate nativa, monocultura de soja, milho, trigo e cana-de-açúcar. De acordo com os avanços dos empreendimentos dentro das terras tradicionais, o Guarani passou a ser expulso de seu próprio território [...] Tanto as frentes colonizadoras como a instalação de Itaipu⁹ impuseram a fuga para locais de difícil acesso em fragmentos de matas, no Brasil, Paraguai e Argentina, ou a transferência para Reservas Indígenas no MS, PR e SC. (Ibidem, 2016, p.34).

Na Região Sul e Sudeste, nos Estados de RS, PR, SC, SP, RJ e ES, os Guarani ocupam 153 Terras Indígenas, sendo 17 compartilhadas com outros povos, além de mais 105 locais de aldeias antigas abandonadas em decorrência das pressões latifundiárias segundo dados do Mapa Guarani Continental. Das áreas ocupadas pelo povo Guarani nesses Estados [...] *cerca de 60 estão com os procedimentos em curso ou paralisados; e 70 sem*

⁸Em Mato Grosso do Sul, a criação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), em 1943, promoveu a instalação de milhares de colonos, com titulação de terras e implantação de empreendimentos agropecuários sobre os territórios indígenas. (Mapa Guarani Continental, p.34, 2016)

⁹ No oeste do PR, o processo de expulsão dos **Guarani** foi agravado com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, em 1980. (Mapa Guarani Continental, p.34, 2016)

providência administrativa (ENDEPA, 2016, p.36). Enquanto os processos demarcatórios se arrastam ao longo dos anos em instância judicial, os Guarani continuam vivendo sob ameaças de violação de seus direitos, que [...] *em muitas situações ocorrem remoções forçadas dos indígenas por fazendeiros que formam milícias armadas ou contratam empresas de segurança [...]* (ENDEPA, 2016, p.37) , ou ainda, quando o próprio Estado [...] *emite ações de despejos, cumpridas por forças policiais [...]*(Ibidem). O Fato, é que quando falamos de Estado, Terra e população indígena, no Brasil, o Estado não reconhece a especificidade indígena, acabam por defendendo os interesses privados sobre as terras tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas, à instituição governamental é usado como uma ferramenta contra os povos indígenas, onde defendem os interesses privados, da especulação imobiliária, agronegócio¹⁰, garimpo e de indústrias. [...] Ainda hoje, são inúmeras as iniciativas políticas impositivas que buscam “integrá-los” à sociedade envolvente, como estratégia, não só de espoliação de seus territórios, mas da extinção efetiva de seus modos de vida. [...] (ENDEPA, 2016, p.39).

Todos os anos, deputados e senadores a partir da formação de bancadas¹¹, como exemplo, a bancada ruralista, tenta contornar a partir de Propostas de emenda parlamentar e projetos de lei, os direitos dos povos indígenas. Os povos tradicionais buscam a mais de um século, reconquistar suas terras tradicionais e assim continuam enterrando suas mortes todos os anos em uma verdadeira guerra silenciosa na qual o Estado se mostra conivente.

¹⁰ [...] Conforme investigações da Polícia Federal e do MPF, estes crimes estão vinculados diretamente à luta pela terra, intensificada nos últimos anos devido à crise humanitária que vivem as comunidades. Segundo estes órgãos, nos últimos 5 anos se conformou, em Mato Grosso do Sul, uma milícia privada armada para atacar comunidades indígenas. Recentemente, o MPF denunciou 12 pessoas ligadas ao agronegócio, por formação de milícia armada. [...] (ENDEPA, 2016 p.38)

¹¹ “O próprio Estado hoje é causador da violência contra o nosso povo. Queremos que o Estado faça o seu trabalho de salvaguardar os direitos da comunidade indígena e que cesse essa perseguição, essa morte contra o nosso povo” - Historiador Guarani Kaiowá Natanael Vilharva Cáceres (Jornal G1) (Jornal Globo, Entenda os motivos para conflito entre indígenas guarani kaiowá e polícia em Amabai (MS), <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2022/06/26/entenda-os-motivos-para-o-conflito-entre-indigenas-guarani-kaiowa-e-policia-em-amambai-ms.ghtml> <Acessado em 28/062022>

10. GWATA PORÃ

O Gwata Porã é uma prática milenar Guarani (LADEIRA, 2000) em busca de “condições apropriadas para viverem segundo ao seu sistema através de elementos renovadores do Yvy Marãey”(Ibidem, p.87). Este termo pode ter significados como “belo caminhar” ou “caminhar sagrado”. No contexto da discussão, a segunda tradução transmite melhor essa prática cultural que marca esse povo. A palavra Gwata remete ao caminhar físico e espiritual, enquanto a palavra “Porã” atrelado ao “gwata” nos remete à busca pela Terra Sem Males que, por sua vez “não é de um lugar preciso, mas sim, da imortalidade, da legitimação e continuidade da própria sociedade Guarani” (Ibidem, p.87). Fato é que o povo guarani acredita que estamos em constante movimento em busca da Terra Sem Males e o ato de caminhar fisicamente é a busca de um lugar revelado para a reprodução da filosofia Guarani na perspectiva de alcançar(LADEIRA, 2015b).

Para entendermos sobre o Gwata Porã é preciso conhecer um pouco sobre a aspectos culturais desse povo cujo os movimentos de migração foram investigados por muitos pesquisadores como Nimuendaju(STEWARD et al., 1946), Clastres(CLASTRES, 1978), Cardogan (CADOGAN, 1953) e Méliá, que buscaram entender para onde os Guarani caminhavam e para que caminhavam“(...) Quando os Mbya referem-se a yvy marãey, a terra que não termina e onde nada tem fim, a fartura que ela contém está na qualidade e nas características dos alimentos, das plantas dos animais e da água” (LADEIRA, 2000, p.92)”.

A prática do Gwata porã constitui o conceito de território tradicional que para os Guarani ultrapassam os limites físicos de suas aldeias (LADEIRA, 2000, p. 88) e desta forma transitavam compartilhando espaços e constituindo rotas de transição pelo continente¹² muito antes do período da colonização. No passado, os Guarani ainda alcançavam a terra sem males, mas, com a chegada dos colonizadores ao continente, a busca da terra sem males começou a se tornar uma tarefa ainda mais árdua.

¹² Guata porã - Belo caminhar, 2015

O processo de colonização, a escravização, doenças e violências dizimaram aldeias inteiras, sendo inviável contabilizar as inúmeras vidas que se perderam, sendo impossível mensurar a totalidade da população indígena da época, a pluralidade cultural e os dialetos desse período. A partir deste marco histórico de invasão ao território dos povos originários, o movimento do *gwata porã* não representaria mais, apenas a busca pela terra sem males. Mas, também, a luta pela existência do povo Guarani. A partir desse período a população indígena de modo geral passou a perder espaço, foram escravizados, violentados e submetidos ao desaparecimento completo de aldeias e etnias inteiras. Seja por meio das doenças trazidas de outros continentes, miséria e a guerra provocada pela colonização.

A fim de contextualizar a dificuldade dessa prática parto da concepção das três últimas grandes caminhadas Guarani. Os dois primeiros grupos que se deslocaram rumo ao norte no começo do século XX, na qual, anos mais tarde foram realocados pelo SPI no Município de Pancas, no interior capixaba, contra a vontade do grupo que logo foram envenenados pelos posseiros da região na década de 1930. O terceiro grupo, liderado por Maria Candelária que vinha caminhando do Sul do país em entrevista, relata que por vezes paravam em um determinado lugar e logo vinham um “dono” ou a marinha dizendo que eles não poderiam ficar ali. Foi assim no acampamento de Silveira em São Paulo e em Meaípe, no sul capixaba.

Por fim, quando chegam em Aracruz, segundo relatos de integrantes do *Gwata Porã*, a região tinha muita floresta, a ponte de Santa Cruz não existia e muitos menos o trecho da ES-010 e a avenida Primo Bitti que cortam o território indígena. A floresta era a terra revelada para Maria Candelária, com certeza, seria um lugar fértil para o modo de vida guarani. Porém, na verdade, o nosso mundo é um verdadeiro *Tekoatxy*. Logo que chegam, são levados forçadamente também pelo SPI para a Fazenda Guaraniem Carmésia MG, onde o grupo cai e decadência, ali, crianças e adultos do grupo faleceram e então depois de seis anos resolvem voltar a Aracruz e ao chegarem à floresta que havia sido revelada para a fundação do *Tekoa* quase não existia mais. A Empresa de produção de celulose havia se instalado no território, destruindo grande parte da floresta.

11. OS GUARANI NO ESPÍRITO SANTO

11.1. Quem são os Guarani no Espírito Santo?

Não há dificuldade em encontrar materiais bibliográficos sobre o povo Guarani em solo sul-americano. Talvez devido ao fato de terem sido um dos primeiros povos a serem contatados, e pela dinâmica de absorção da interação com culturas diversas, os guarani são (CICCARONE, 2001, p.11,) [...]. Assim como Ciccarone, outros autores como Schaden e Viveiros de Castro também mencionam a abundância referente aos materiais produzidos ao longo das décadas sobre o povo Guarani(SCHADEN, 1975; VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Grandes nomes da etnografia como Kurt Nimuendaju (NIMUENDAJÚ, 1981; STEWARD et al., 1946)e Leon Cadogan (CADOGAN, 1953)discutem sobre os aspectos culturais, geográficos e linguísticos, além de retratar o marco histórico de movimentação pelo território entre o século XIX e XX.

Sobre a presença do povo Guarani em terras capixabas no século passado podemos notar o material produzido pelo antropólogo Egon Schaden relatouque a passagem de pelos menos dois grupos Guarani na primeira metade do século XX no Espírito Santo, desta forma, Schaden afirma:

[...]Tenho notícias de três grupos, um vindo por volta de 1924, outro vindo em 1934 e um terceiro, que chegou em 1946, igualmente vindo do Paraguai meridional, de território contíguo à província argentina de Misiones. Destes três bandos, os primeiros dois já estiveram no Espírito Santo, em Minas Gerais e - no Araribá, vivendo agora parte na aldeia do Rio Branco e alguns poucos remanescentes no Estado do Espírito Santo [...] (SCHADEN, 1974, p.5.)

Diante do registro de Shaden sobre a passagem de grupos guarani ao Espírito Santo na primeira metade do século XX, resta dúvidas sobre a não permanência dos grupos de forma efetiva em terras capixabas, por quais lugares teriam passado e onde estariam os poucos Guarani que permaneceram no Estado em primeiro momento. Analisando relatos a partir da dissertação de Ciccarone encontro um depoimento de um Guarani chamado José Bonifácio que relata:

[...] Capitão Pedro dos Santos, meu tio, foi falar com Getúlio Vargas e junto com ele foi também Severino dos Santos. Eu tinha 12 anos. Getúlio era mestiço índio, tinha raça com os índios guarani. O capitão Pedro queria ir ao Pará, passar em

Belém. Getúlio Vargas era bom com os índios¹⁰⁵, deu um barco e fomos até Esplanada, fomos depois de Porto Seguro, até Aracaju. Esplanada fica do lado de Feira de Santana, depois da Bahia. As famílias se espalharam na fazenda, ali deram comida com sal, então ficaram doentes, morreu o cacique, morreu pela comida com óleo e sal. O capitão falou que tinha que voltar. As áreas da farinha perto da Bahia eram Tatuaba, Icatuaba, Cachoeiro, São Felix. Voltamos a pé, paramos poucos dias em Pancas, no Krenak, mas eu fiquei seis anos no Espírito Santo, Caieiras Velhas, Ponta da Fruta, trabalhando como carvoeiro (...) voltei para Itariri (...) fui para Silveira e depois vim por aqui, Ubatuba, e não saí daqui nunca mais (...)“O barco levou (a gente) para o Espírito Santo, Krenak, Governador Valadares e depois fomos para praia, para Bahia. O barco deixou (a gente) em Vitória, na capital. Cinco pessoas morreram lá na Esplanada ,voltamos a pé das farinhas, lá em Jequié. A gente seguia sempre à beira mar, a pé, até os índios maxacali. Não acostumamos, depois seguimos para cá. Vimos a pé e chegamos no mesmo lugar, Valadares, e a Funai levou para os Krenak. Não acostumamos e levaram (a gente) para Pancas Grande, de novo. ‘Os índios-falavam - só vivem andando, índio fica andando, não trabalham’. O cacique fica rezando para Deus para passar o Rio Vermelho (Rio Doce), o Mar Vermelho Fomos para São Paulo, lá deram documento, espingarda, mantimento. Fomos de trem até Itariri, de onde a gente tinha saído. A viagem durou muitos anos. Dois anos entre Maxacali, entre Krenak quase cinco anos. Em Pancas Grande quatro anos, pelo lado de Colatina. Casei na viagem. Tinha papel da viagem de Getúlio Vargas, mas perdi. Só fiquei eu. Foi eu, Rosa e Catarina que começamos Ubatuba. Tarcísio descobriu aqui e fui para ele segurar a terra”.(Depoimento de José Bonifácio, Apud, CICCARONE, 2001, p.253) [...].

Desta forma compreendesse a primeira passagem dos Guarani em terras capixabas anteriormente a chegada de Maria Candelária Tatatxi, que naquele momento estaria no início de sua jornada rumo ao Espírito Santo, cujo os dois grupos acabariam se encontrando no Estado de São Paulo na década de 1940, assim relatado por Cicarrone:

[...]O grupo liderado por Tatati e Miguel tinha alcançado os aldeamentos litorâneos do Estado de São Paulo, quando os sobreviventes da migração, empreendida na década de trinta, regressavam de sua longa e atribulada viagem. Entre eles, encontravam-se o líder Capitão Pedro (Pedrinho), João dos Santos (que se tornará o terceiro esposo de Tatati) e seu primo-irmão José Bonifácio. Finalmente Tatati consegue encontrar o tio materno que tanto procurava na sua viagem para a cidade de Porto Alegre. Quando contei para Aurora o relato de Zé Bonifácio, ela lembrou: “Capitão Pedro voltava da viagem grande ao Espírito Santo, a gente estava em Itariri. Se uniu a nós Aníbal, Zé Bonifácio e fomos para Mongaguá.

Capitão Pedro contou das doenças em Bahia e das grandes mortes em Pancas”(CICCARONE, 2001, p.253-254).[...]

O material referente à caminhada e permanência do povo Guarani no Estado capixaba é retratada por Celeste Ciccacore em sua dissertação publicada em 2001, sendo um importante registro de estudo para compressão da existência do povo Guarani no Espírito Santo. Outros autores como Kalna Teao (TEAO, 2019)em narrativas recentes discutem sobre a trajetória de luta e mobilidade Guarani até o ano de 2006 a partir do cenário de luta no movimento de retomada do atual território originário Tupinikim e Guarani no município de Aracruz e com isso, também a construção de novas aldeias no período pós-demarcatório. Na atualidade, o povo guarani está concentrado no município de Aracruz, distribuídos entre cinco aldeias guarani e uma comunidade composta por indígenas do povo Tupiniquim e Guarani. Além disso, fora do município de Aracruz, também há um pequeno grupo de seis pessoas, situado nas proximidades do distrito de Patrimônio da Penha, no município de Divino São Lourenço, no Sul do Estado capixaba.

11.2. A primeira fase da migração Guarani no Espírito Santo

A presença da nação guarani em solos capixabas não está limitada à presença do grupo guarani Nhãdewa'e Tãbeope em 1976 no município de Aracruz. Ainda nos anos de 1926 o SPI¹³ registra a presença de Guarani no Espírito Santo. Todavia, a presença da década de 1920 há poucas informações, somente que não se estabeleceram e que retornaram para São Paulo. Não se identificou o tempo e até que localidade eles penetraram no Estado (SCHADEN, 1974). Nos anos 30, a presença de um grupo guarani no município de Pancas foi estabelecida. Todavia, neste mesmo período, o grupo guiado por Tatatxy Ywa Rete (Nhãdewa'e Tãbeope) ainda estava chegando no Estado de São Paulo.

O SPI criou nos anos 30, uma reserva indígena para abrigar os indígenas Botocudos¹⁴, porém, eles acabam não permanecendo na área. Então, neste mesmo

¹³ O Serviço de Proteção aos Índios e Localização de trabalhadores rurais (SPI) foi criado em 20 de junho de 1910 com objetivo de prestar assistência a todos os índios do território nacional e posteriormente substituído pela FUNAI após o ano de 1967.

¹⁴ Botocudo é um nome genérico dado aos grupos indígenas do tronco Macro-jê atualmente representados pelos Krenak (MG e SP).

período, o SPI localizou dois grupos Guarani,¹⁵ Um no Pará e outro no Sergipe e os desloca para a reserva indígena de Pancas, outrora destinada aos “Botocudos”. Aproximadamente 300 indígenas foram forçosamente relocados.

A aldeia no município de Pancas não durou muito tempo. Devido ao assédio de fazendeiros sobre as terras da região naquele período, a aldeia inteira foi envenenada e assim, 233 indígenas da etnia Guarani foram mortos. O fato, porém, foi encoberto pelas instituições e pela mídia da época, ficando restrita apenas aos poucos sobreviventes que ficaram como testemunhas do massacre de Pancas.

Em 2013, durante a produção de um documentário para denunciar o caso ocorrido, o jornalista Rogério Medeiros e o cacique Guarani Antônio Carvalho, localizaram José Bonifácio, um dos sobreviventes do grupo de Pancas. Na época ele tinha apenas 16 anos e aos 80 anos depois a história pode ser testemunhada por ele diante das câmeras para a produção do documentário **“O Genocídio Guarani”**¹⁶ de Rogério Medeiros e Antônio Carvalho.

11.3. A segunda fase da migração Guarani no Espírito Santo.

A revelia dos acontecimentos ocorridos no noroeste do Estado, o povo Guarani Nhãdewa'e Tãbeope, guiado por Tatatxy Ywa Rete, através de uma longa marcha atravessando diversos estados chegam em solo capixaba em 1967. Essa ficou conhecida como a segunda leva registrada de Guarani no Estado do Espírito Santo.

Quando chegam no município de Aracruz, primeiramente ficaram acampados no centro da aldeia de Caeiras Velhas. o grupo se soma ao povo Tupinikim na luta pelo território que anos mais tarde veio a se consolidar como TI Tupinikim Guarani. A primeira aldeia fundada pelos Guarani no Estado foi batizada de Boa Esperança ou Tekoa Porã. Após o falecimento da matriarca em 30 de janeiro de 1994o grupo se dividiu. Primeira com a fundação da aldeia Três Palmeiras em 1996 (TEAO,2015) e depois a aldeia Piraquê-açu em 2001 (TEAO,2015). A comunidade de Olho D'agua foi fundada inicialmente pelo povo Tupinikim e Guarani durante a última demarcação de 2007 que atualmente é constituída pelo povo Guarani, e a última aldeia a ser fundada foi a aldeia Nova Esperança - *Kaagwy Porã*, fundada no ano de 2015.

¹⁵ Na década de trinta os documentos do SPI 111 registram as mobilizações dos grupos migratórios, no intuito de transferi-los e confina-losem reservas, como no caso da transferência de um grupo guarani para o posto indígena derio Pancas, afluente do rio Doce, no interior do Espírito Santo, próximo da divisa com o Estado de Minas Gerais. (CICCARONE, 2001, p.253).

¹⁶ <https://youtu.be/ptOnk15eSvY>

11.4. As migrações e a busca da Terra Sem Males na construção do Espaço Guarani.

A aldeia Boa Esperança- Tekoa Porã fundada em 1979 é ponto de partida para discutirmos sobre a distribuição da população Guarani no Espírito Santo. A caminhada de um grupo liderado pela Liderança Espiritual Tatatxi Ywa Rete – Maria Candelária que surgiu de tantas outras caminhadas em busca da Terra Sem Males, que nos anos de 1930, através da revelação dos espíritos que diziam para que ela caminhasse com seu povo. Ela ouvia e sonhava para onde deviam ir, passando pelos Estados brasileiros do Rio Grande do Sul em Santa Maria, os Estados do Litoral até o Espírito Santo, no percurso famílias se juntavam ao grupo guiado pela líder Anciã.

Antes da chegada ao Estado capixaba, o grupo parou em diversos lugares, onde “*ficavam por um ano, até três anos*”¹⁷. Por vezes o grupo foi retirado dos lugares ocupados por eles com alegações de que aquela terra teria dono. Assim os Guarani primeiramente apenas passam pelo sul capixaba em 1966¹⁸ rumo a terra dos Krenak em breve passagem, voltando ao Espírito Santo, o grupo passou por Coroa da Onça na região sul capixaba, Morro da Gurigica, e o atual “Parque Estadual Paulo César Vinha”, por indicação de um não-indígena que tinha uma área naquele local. Dali eles partem para Meaipe, onde começam a construir casas de barro¹⁹, porém, logo a Marinha apareceu no local, alegando que o grupo Guarani não poderia ficar naquele local. Diante do ocorrido, mais uma vez, o grupo vai para a beira da estrada próxima a Guarapari e Lameirão e ali ficam em casas feitas de pedaços de lona.

¹⁷ “Antigamente nossos antepassados andavam a partir das revelações de nhãderu. ficavam um ano, até 3 em um determinado lugar conforme nhãderu revelava., eles diziam “por aqui, podem ficar até 3 anos, depois disso, continuem caminhando” . (Entrevista Antônio Carvalho, cacique da aldeia Boa Esperança, 2022)

¹⁸ Aqui no espírito santo, eles chegaram primeiro e passaram para os krenak, voltando de lá, foram para vitória (Entrevista Antônio Carvalho, cacique da aldeia Boa Esperança, 2022)

¹⁹ Em Meaipe começamos a fazer casas, mas depois de um tempo a marinha veio e disse que não podíamos ficar ali, então o grupo decidiu sair e foram para perto de lameirão, na beira da estrada que vai de Anchieta. Lá, fizemos barracas com pedaços de plásticos e panos. (entrevista, Antônio Carvalho, 2022)

O processo de busca da Terra Sem Males não é apenas andar. *gwata Porã* também é um processo de reconhecimento do território. A revelação do lugar de ocupação por vezes vinha em sonho e é preciso haver o reconhecimento espiritual e material do espaço a ser ocupado. Quando ainda estavam às margens de uma rodovia, próximo a Lameirão e Guarapari, o grupo foi novamente contatado, dessa vez por um pastor que acabou os levando para um bairro de Guarapari chamado Kubischek. Nesse momento da caminhada, a líder espiritual Tatatxi fala para sua filha Aurora – *keretxu Mirim* para que fosse buscar o lugar revelado, assim, Dona Aurora chega a Aracruz em 1967 e o grupo Guarani funda a aldeia Tekoa Porã em 1976 (CICCARONE, 2001).

A chegada do grupo Guarani ao município [...] responde respectivamente ao ano...da instalação da empresa Aracruz Celulose (TEAO, Território e Identidade, pag.104, 2015). [...] no território, que ainda nos anos de 1940 tiveram parte de suas terras reconhecidas como devolutas e vendidas a Companhia de Ferro e Aço de Vitória - COFAVI²⁰. O Contato entre o povo o Tupinikim e Guarani proporcionou a união de forças²¹ entre os dois povos para um processo de retomada do território até o ano de 2010 com a homologação das terras Tupinikim durante o governo Lula (TEAO,2015, p.102). Durante o processo de

²⁰foi instalada, nos anos 40, a Cofavi, empresa estadual para produção de carvão vegetal, explorando 10.000 he de mata nativa. Nesse lugar vivia, disperso por um extenso território, o povo indígena identificado quase trinta anos depois pela Funai como “remanescente” dos antigos Tupiniquim. A exploração e queima da madeira de lei para produção de carvão vegetal atraiu para a região levas de trabalhadores que começavam a estabelecer suas posses nas terras indígenas já parcialmente invadidas no século anterior para a realização do programa de colonização européia da região norte do Estado. (CICCARONE, 2001, p.286)

²¹ Os Tupiniquim e os Guarani dão seqüência a uma série de movimentações que se configuraram em três episódios de lutas resultando em Portarias Demarcatórias: a primeira luta (1975 a 1983); a segunda luta (1993 a 1998) e a terceira luta (2005 a 2007). Nas duas primeiras lutas as demarcações oficiais resulta- 3 - A CPI da Aracruz foi instaurada pela Assembléia Legislativa do Espírito Santo, conforme resolução nº 2.208, de 13 de março de 2002. GEOGRAFARES, nº 6, 2008 • 145 A luta indígena e a cidade: a sociedade envolveram em reduções territoriais em relação ao total, ou seja, 20.472,81 hectares 4. Em 1979 foram declaradas “terras de ocupação dos índios Tupiniquim e Guarani Mbya” (Portaria/ Funai No. 609/1979), o total de 6.500 hectares; em 1983 deu-se a primeira demarcação e homologação de 4.492 hectares (por Decretos de No.s: 88.926, 88.672 e 88.601), reduzindo em 2.008 hectares o que foi declarado em 1979; em 1998, por Decretos Homologatórios (DOU: 14/12/1998) “houve a recusa na ampliação que se deu a menor, num total de 8.061 hectares” (Ministério da Justiça / Consultoria Jurídica, Informação CEP/CJ no. 1.047/2006); e no dia 27 de agosto de 2007, finalmente foram declarados os 14.227 hectares como “Terra Indígena Tupiniquim”, de “posse permanente dos índios Tupiniquim e Guarani Mbya” (Portaria Nº. 1.463/2007 – TI Tupiniquim) e 3.800 hectares de “Terra Indígena de Comboios” (Portaria Nº. 1.464/2007– TI Comboios), totalizando 18.027 hectares conforme reivindicação dos índios. (MARACCI, 2008, p.02, 03)

luta, em 1973 ocorre uma jogada política com intuito de desarticulação do movimento de retomada do território²², então parte dos Guarani e algumas famílias Tupinikim são levados forçadamente para Fazenda Guarani em Carmésia – MG. Em 1978 os Guarani começam a fugir da Fazenda Guarani, retornando ao estado capixaba e enfim se instalam na aldeia Boa Esperança definitivamente, somando forças com o povo Tupinikim para retomada de 4.491 hectares²³ de terra divididos para as terras indígenas de Comboios, Caieiras Velhas e Pau Brasil durante “a primeira fase” (TEAO, 2015, p.102) do movimento de retomada do território.

Ainda que o território houvesse sido ampliado, não sanaria os problemas enfrentados pelo povo Tupinikim e Guarani que ocuparam o território já transfigurado por todo o desmatamento realizado no território. Então, em 1994 os dois povos resolvem retomar a luta pela terra. Esse ano marcaria não apenas a retomada do movimento, mas também a despedida de Tatatxy Ywa Rete. A sua morte desencadearia uma série de fatores que juntamente com a retomada do território promoveria a fundação da aldeia Três Palmeiras em 1996 e Piraquê-Açu em 2001 durante a *segunda fase* (TEAO, 2015, p.116) da retomada do território Tupinikim.

O povo Tupinikim que até os anos de 1960 ocupava aproximadamente 30 mil hectares (MARACCI, 2008) de terras no município de Aracruz. Em conjunto com o povo Guarani conseguem na *terceira fase* (TEAO, 2015, pag.121) de luta pela terra, a demarcação de mais 11.009 hectares que somados ao movimento de luta pela terra realizado em 1975 e 1998, passam a ocupar (BARCELLOS, 2009) “[...] 18.072 hectares, representando 60,24% do território possuído até a década de 1960. [...] (Ibidem, p.158)”. A terceira fase da demarcação das terras marca a reconstrução de três aldeia que haviam sido

²²Dessa história podemos constatar que os índios eram considerados um entrave ao projeto de desenvolvimento econômico do Espírito Santo e do período da ditadura, pois seus modos de vida contrastavam com o modelo que queria se estabelecer no Brasil, de um Estado atrelado ao capital internacional, produtor e exportador de matéria prima, marcado por um período de forte censura e repressão, que inclusive cerceava as culturas indígenas de se expressarem e controlavam fortemente os movimentos de deslocamentos dos povos indígenas. (TEAO, 2018, p. 03)

²³Em 1981, a posse dos índios sobre as terras foi reconhecida e, em 1983, foram criadas três áreas indígenas: Caieiras Velha, Pau Brasil e Comboios, que somam 4,49 mil hectares (ISA, 2007)

destruídas: Amarelos, Olho D'água e Córrego do Ouro e anos mais tarde, em 2015, a fundação da aldeia Guarani Nova Esperança - *kaagwy Porã*.

11.4.1. A aldeia Boa Esperança - Tekoa Porã

A aldeia de Boa Esperança, é a aldeia Guarani mais antiga de Aracruz, fundada em 1975 a comunidade é a sede da unidade de saúde indígena que atende as comunidades guarani de Aracruz, com exceção da aldeia de Olho D'água que é acompanhada pela Unidade de saúde da aldeia Tupinikim de Pau Brasil. Boa Esperança ou *Tekoa porã* na língua materna, é conhecido pelos turistas que trafegam pela Rodovia ES010. Isso porque a mais de 20 anos, a população das três comunidades próximas comercializa seus artesanatos em cabanas construídas pelos próprios indígenas. A venda de artesanato nesse ponto tem sido fundamental na manutenção da fonte de renda das famílias locais. As três aldeias não são muito extensas no quesito "terra", portanto, o turismo é a principal fonte de renda dessas aldeias. Atualmente com quase 50 anos de existência, a comunidade de Boa Esperança totaliza 68 famílias, uma população de 193 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. As crianças da comunidade estudam na escola EMPI "Arãdu retxakã", localizada na aldeia vizinha de Três Palmeiras e que atende alunos do ensino fundamental I e II. O cacique da comunidade continua sendo o neto de Tatatxi Ywa Rete, Wera Kwaray, conhecido em português como Antônio Carvalho, e o vice-cacique é o seu filho, Vander Karai.

11.4.2. A aldeia Piraquê-açu

A comunidade de Piraquê-açu foi fundada em 2001, sua extensão é de cerca de 57 hectares. A área foi disputada entre indígenas e uma empresa chamada THOTHAM Mineradora Marítima LTDA, [...] Em, 1999, a Prefeitura Municipal de Aracruz cedeu um terreno de 5,0 Hectares para a mineradora (TEAO, 2015, p.71) [...]. Porém, este terreno estava dentro da Reserva Ecológica dos Manguezais Piraquê-açu e Piraquê-Mirim, criado em 1986. Atualmente a área está fora das delimitações do território indígena, isso devido a um acordo feito entre indígena e PMA [...] *Essa área ficou fora dos limites da TI Caeiras Velhas porque conforme acordo entre índios e o município de Aracruz a área seria exclusivamente destinada a preservação ambiental*

(TEAO, 2015, p.71) [...]. Desde o ano de sua Fundação, o cacique da aldeia Piraquê-açu é o Pedro da Silva, mais conhecido como cacique Peru. Sua mãe é Marilza da silva – *Keretxu Endy*, neta de *Tatatxi Ywa Rete*. Marilza é a anciã que guia os rituais na casa de reza atualmente na comunidade. O vice-cacique é Rodrigo, também conhecido como *Tudja'i*, que é filho do cacique Pedro. Na aldeia, segundo o último censo do posto de saúde de Boa Esperança de 2022, moram 5 famílias, sendo 14 pessoas entre homens, mulheres e crianças.

A fonte de renda da comunidade, em sua maioria depende do turismo pois eles promovem na aldeia o Etnoturismo, recebendo visitantes do Brasil e de fora do país para realizarem excursões pelas trilhas da mata local com destino a aldeia temática, exposição de artesanatos, música com o coral guarani, pintura corporal e diálogos sobre conscientização da questão indígenas e histórias sobre o povo Guarani. Criada em 2009, a aldeia temática inicialmente foi construída para a gravação do filme “como a noite apareceu”, com direção de Regina Mainard e com a atuação de atores não-indígenas e indígenas das duas etnias do território. Posteriormente, a aldeia temática, ou *Tekoa Mirim*, denominada assim pela comunidade, foi cenário de outros filmes, como o documentário sobre o modo de vida guarani, da série “*Reikwaapa*” produzido pelo documentarista capixaba Ricardo Sá e da liderança indígena e cacique Marcelo Wera Djekupe, lançado em 2012, e o filme “*O eremita*” gravado em 2016, dirigido pelo ator e diretor Chay Suede. Após o término das gravações do filme “como a noite apareceu”, a comunidade de Piraquê-açu passou a incorporar o etnoturismo a aldeia temática que nos últimos anos vem ganhando destaque por ser a única comunidade indígena da TI que executa um trabalho voltado à cultura, meio ambiente e turismo.

11.4.3. A aldeia Três Palmeiras - Mboapy Pindo

A comunidade de Três Palmeiras foi fundada em 1996, [...] *Por meio do rompimento com a aldeia Boa Esperança por discordância quanto a forma de organização política* (TEAO, 2015, p.71). A comunidade está entre Boa Esperança e Piraquê-açu. Em Três palmeiras funciona atualmente a EMPI Arãdu Retxakã que atende todos os alunos guarani do Território (Boa Esperança, Três palmeiras, Piraquê-açu, Olho Dagua, Nova Esperança e

Amarelos). Com funcionários Tupinikim e Guarani, a escola atende crianças e adolescentes de 6 a 16 anos.

A comunidade é bastante frequentada pelos turistas, que vão à comunidade para conhecer o Centro cultural Tatatxy Ywa Rete, inaugurado em 2011 e idealizado pelo atual cacique Marcelo Oliveira da Silva - *Wera Djekupe*. Com o nome da matriarca da aldeia Boa Esperança, a casa cultural conta com uma exposição de fotos que retrata uma parte da caminhada do povo Guarani ao Espírito Santo, registrado por Rogério Medeiros. Além disso, na casa cultural também é possível apreciar os artesanatos Guarani e também adquiri-los. Podemos afirmar que em sua maioria, a fonte de renda das famílias em Três Palmeiras é proveniente do turismo com a venda de artesanatos produzidos, coleta de sementes e o cultivo de pequenas roças.

Atualmente o cacique da comunidade é Nelson Carvalho - *Karai tataendy*. seguindo a ligação parental com o grupo fundador de Boa Esperança ele é sobrinho de Tatatxi Ywa Rete, Portanto, é primo do Cacique Antônio Carvalho e também do cacique da aldeia Piraquê-açu. Diferentemente das duas outras aldeias guarani vizinhas, Três palmeiras já teve outros caciques como: Leonardo - *Werá Tupã* (1996), Julinho (2002) e Marcelo - *Werá Djekupe* (2004). Desde então, Nelson - *Karai Tataendy* continua até os dias de hoje como cacique da aldeia Três Palmeiras que segundo o censo do posto de Saúde de Boa Esperança é formado por 33 famílias, totalizando 111 pessoas.

11.4.4. A Aldeia de Olho D'água - Tetxa Ry

A Aldeia de Olho D'água surge a partir de um cenário diferente das comunidades mencionadas acima. Sua formação se dá a partir do terceiro processo de autodemarcação Tupinikim e Guarani iniciado em 2005. O movimento de luta pela terra Tupinikim e Guarani é legítimo de um povo que viu o empreendimento de celulose devastar o território tradicional, desta forma, os indígenas de Aracruz são extremamente impactados.

Em 1975, o território indígena de 40.000 he já se encontrava devastado e prestes a ser transfigurado numa extensa monocultura de eucalipto pelo empreendimento agroflorestal de grande porte e pioneiro no Brasil. (CICCARONE, 2001, p.312)

Com o avanço da indústria de celulose, aldeias Tupinikim como: Olho D'água, Córrego do Ouro, Macacos, Areal, Arariba e Cantagalo, foram extintas, dando lugar à monocultura de eucalipto. Com a demarcação que iniciou em 2005, pelo menos Olho D'água, Córrego do Ouro, amarelos e Areal foram reconstruídos. Em Olho D'água, povo Tupinikim e Guarani começaram a construção de uma *Opy* - Casa de reza em 2005. As duas etnias estavam convencidas de que não deixariam de retomar o seu território e continuaram a construção da aldeia. Em Janeiro do 2006, enquanto ainda aguardavam a homologação do território, a aldeia e Olho D'água e Corrego do ouro sofreram atentados violentos de 120 policiais federais do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Brasília cumpriram a reintegração de posse nas duas comunidades:

Cento e vinte homens da polícia federal atacaram os índios com balas de borracha, bombas de efeito moral e também afugentaram mulheres, crianças e idosos com voos de helicóptero. As famílias indígenas foram expulsas de suas casas, a casa de reza (*opy*) e as moradias eram destruídas por tratores enquanto os índios assistiram sem acreditar na destruição das aldeias (TEAO, 2015, p.128)

Contudo, entre diversos momentos de luta nesse período a empresa, Aracruz Celulose na época foi acusada de discriminação pelo Ministério Público Federal (MPF). A empresa divulgou durante a terceira fase de autodemarcação, materiais como cartilhas, outdoor, e até mesmo realizar palestras em escolas de ensino fundamental dos bairros a respeito da população indígena local, distorcendo e tentando manipular a população, voltando-as contra os povos indígenas e até hoje a ação da empresa na época ainda surte efeito na população aracruzensense. Neste mesmo período, a FUNAI reconheceu em seu relatório pouco mais de 11.000 hectares e desta forma “[...] *O estudo GT da FUNAI, publicado no dia 20 de fevereiro de 2006 no Diário Oficial da União, reconheceu a legitimidade das terras indígenas [...] (TEAO, 2015, p.130)*”.

O cacique da comunidade de Olho D'água se chama Roberto que mora na aldeia desde o dia 30 de outubro de 2007. Pertencente ao povo guarani, Cacique Roberto morava na aldeia Três Palmeiras antes de se mudar para Olho D'água. Sua mudança se dá a partir de uma reunião realizada pela comissão dos caciques na aldeia Três Palmeiras no dia 24 de outubro de 2007,

assim relatado por ele. A reunião se tratava da busca de famílias interessadas em ocupar a área de Olho D'água. Atualmene a comunidade é formada por 24 famílias, sendo aproximadamente 70 pessoa entre crianças e adultos.

Com 16 anos de existência e apesar de se localizar no interior da Terra Indígena, a comunidade também é bastante conhecida pelas festas de abril, quando o cacique, juntamente com a população da comunidade, realiza um evento com shows e jogos em comemoração a semana dos povos indígenas. Durante esses dias, a comunidade fica bastante frequentada por indígenas e não indígenas. Diferente das outras aldeias Guarani, a população de Olho D'água é atendida no Posto de Pau Brasil, as crianças estudam na escola de Três Palmeiras e todos os dias vão de transporte escolar. A fonte de renda da comunidade é voltada para o cultivo e o gado, algumas famílias trabalham com artes, artesanatos e construções.

11.4.5. Aldeia Nova Esperança - Kaagwy Porã

A aldeia Nova Esperança está localizada no interior da Terra Indígena Tupinikim e Guarani, ela foi fundada em 2015 em um movimento de migração realizado em sua maioria por famílias que já estavam dentro do próprio território. Essa divisão se deu por alguns fatores como a necessidade de maiores espaços para cultivo, a divergência política na aldeia de Três Palmeiras. Esse movimento se intensificou com a chegada dos rejeitos de minérios oriundos do rompimento das barragens de Fundão e Mariana.

A comunidade é formada em sua maioria por famílias que migraram de Três Palmeiras, mas também há famílias que vieram de outras aldeias como Olho D'água e Boa Esperança e ainda outras famílias que vieram de Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro. O Fundador e cacique da comunidade é Marcelo- *Werá Djekupe* que no período da terceira fase da demarcação, era cacique de Três Palmeiras. Marcelo é sobrinho do Cacique Nelson - *Karai Tataendy*, primo do Cacique Antônio Carvalho - *Wera Kwaray* e Cacique Pedro. Sua mãe Tereza Oliveira é sobrinha de Tatatxi Ywa Rete. Atualmente na comunidade residem 47 famílias, totalizando uma população de 187 pessoas.

A comunidade de Nova Esperança, ainda se encontra em um processo de estruturação. O atendimento à saúde é realizado na aldeia de Boa Esperança - Tekoa Porã e em algumas ocasiões ocorrem atendimentos na cabana central da aldeia. A comunidade também não possui água encanada e as famílias se organizam com aquisição de motobombas e o abastecimento também é feito por caminhão pipa disponibilizado pela SESAI que passa todos os dias na comunidade, exceto finais de semana e feriados.

As crianças da comunidade que já estudam frequentam a escola em Três Palmeiras, a EMPI Arãdu Retxakã. A instituição fica a aproximadamente 15 km de distância da Nova Esperança, portanto, os alunos fazem o uso do ônibus escolar que no período da manhã transportam os alunos menores que frequentam no ensino fundamental I de 1º ao 5º ano, enquanto no período da tarde os alunos do ensino fundamental II do 6º ao 9º ano fazem o uso do transporte. Os alunos do ensino médio, alguns frequentam a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Primo Bitti no bairro coqueiral a aproximadamente 13 km da aldeia enquanto alguns preferem estudar na Escola Estadual Indígena de Caieiras Velhas.

Dentre as atividades realizadas pela comunidade, o reflorestamento é uma das realizações mais notáveis. Em 2015, durante o processo de construção da comunidade foi impulsionado pelo projeto de reflorestamento aprovado pelo Política de nacional de gestão territorial e ambiental de terras indígenas - PNGATI, que propiciou a construção de um viveiro, arrecadação de mudas e os mutirões de construções simultâneos com atividade de plantio de mudas. Contudo, após o plantio de mais de 5 hectares de mudas, na passagem do ano de 2015 para 2016 ocorreu uma queimada no local onde estava sendo construída a aldeia, assim, além da perda total das mudas plantadas, a mata também foi queimada. Mesmo diante do grande obstáculo, a comunidade replantou tudo novamente.

As ações de reflorestamento continuam atualmente em parcerias distintas com o Centro de Pesquisa Ambientais do Nordeste - CEPAN e também com a empresa IMETAME. A parceria com a CEPAN consiste na compra de sementes da rede de coletores indígenas do próprio território para

realizarem plantio mecanizado, enquanto a parceria com a IMETAME se dá com o fornecimento de mudas de estaquia, plantio manual e cuidado por conta da empresa, na qual já foram plantadas mais de 200 mil mudas na aldeia.

Dentre todas as limitações da aldeia, problemas de distância, falta de água, energia elétrica e faltas de recursos para o desenvolvimento da sustentabilidade indígena, talvez o maior obstáculo atualmente seja o arrendamento de terra para a criação de gado dentro do território. Nova Esperança faz divisa com terras anexadas às comunidades de Três Palmeiras, Piraquê-açu e Boa Esperança na qual as comunidades ou caciques acabaram arrendando suas terras trazendo grandes prejuízos aos moradores da aldeia Nova Esperança. Em várias entradas desses gados dentro do território, roças inteiras são destruídas. Mesmo com várias reclamações já realizadas e denúncias, a comunidade aguarda as providências a serem tomadas.

Mesmo com algumas dificuldades a comunidade tem desenvolvido algumas atividades importantes para a valorização e preservação da cultural Guarani. Na aldeia já foram realizados projetos de cineclube que propiciou a aquisição de equipamentos de cineclube. Em seguida uma parceria entre interferências, filmes e projetos, na pessoa do documentarista Ricardo Sá e Marcelo Guarani, cacique da comunidade que resultou no lançamento de uma websérie indígena sobre os saberes tradicionais guarani e com isso a formação do primeiro núcleo de audiovisual indígena no Espírito Santo, o Reikwaapa.

CONCLUSÃO:

A partir dessa pesquisa, podemos concluir que a prática milenar do Guata porã não se perdeu e que ainda hoje acontece de outras formas e outras proporções. As políticas território atual de fato priva os povos indígenas de muitas de suas práticas tradicionais mas ainda assim elas continuam a se reproduzir de pequenas proporções como é o caso de migração dentro do próprio território indígenas e quando ocorrem migrações de outros Estados, elas acontecem também com o propósito de buscar um melhor lugar para a reprodução do *teko porã*. A partir das discussões propostas pela monografia, podemos compreender que a Terra Sem Males não existe no mesmo espaço que convivemos e que a jornada em busca da terra sem males possa ser a

busca de locais propícios para a preparação do corpo e da alma para poder alcançar a plenitude espiritual e chegar a Terra Sem Males.

A vinda de Tatatxy Ywa Rete é legítimo pela busca da terra sem males, de um lugar propício para a reprodução do nhãde reko e assim chegam na atual aldeia Guarani de Boa Esperança. Desde então, outras 4 aldeias guarani também foram fundadas, sendo a mais recente em 2015, que ainda que tenha sido em pequena proporção, representa a continuidade da caminhada de Tatatxi e que vem buscando reproduzir seus ensinantes.

Estar em uma aldeia no interior da TI Tupinikim e Guarani tem sido muito importante para essa comunidade que desde a fundação da aldeia, mesmo diante das dificuldades, vem se voltando para o cultivo, boa alimentação, cuidados com o meio ambiente e o altruísmo entre as famílias. A aldeia Nova Esperança tem sido propícia às famílias Guarani que buscam esse convívio, seguindo os ensinamentos de Tatatxi e por hoje a aldeia de Nova Esperança - kaagwy porã é a maior aldeia Guarani no Estado.

REFERENCIAS

ALBERTE, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BARCELLOS, Gilsa Helena. Território e territorialidade Tupinikim. **Revista Em Pauta: Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, [S. l.], v. 6, n. 24, p. 139–163, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/download/524/587>.

BROCHADO, José Proenza. A expansão Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. **Dédalo**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 65–82, 1989.

CADOGAN, León. Ayvu Rapyta: Textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 35–42, 1953. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1953.130577. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/130577>.

CICCARONE, Celeste. **Drama e sensibilidade: migração, xamanismo e mulheres mbya guarani**. 2001. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, [S. l.], 2001.

CLASTRES, Helene. **Terra Sem Males**. 1º ed. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense

s. a., 1978.

ENDEPA. **Mapa Guarani Continental: povos Guarani na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai**. Campo Grande, MS: Centro de Trabalho Indigenista, 2016.

Disponível em: <https://biblioteca.trabalhoindigenista.org.br/criadores/equipo-nacional-de-pastoral-aborigena-endepe/>.

FREIRE, Carlos Augusto Da Rocha. **Memória do SPI: textos, imagens e documentos sobre o serviço de proteção aos índios (1910-1967)**. 1º ed.

Rio de Janeiro: Museu do Índio-FUNAI, 2014.

LADEIRA, Maria Inês. Yvy marãey. **Suplemento Antropológico**, [S. l.], p. 81–100, 2000. Disponível em: <https://biblioteca.trabalhoindigenista.org.br/wp-content/uploads/sites/5/2018/06/yvymaeryrenovaroeternoinesPages-from-Suplemento-Antropologico.pdf>.

LADEIRA, Maria Inês. **O Caminhar sob a Luz – O Território Mbya à Beira do Oceano**. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 2015. a. Disponível em: <https://biblioteca.trabalhoindigenista.org.br/livros/o-caminhar-sob-a-luz-o-territorio-mbya-a-beira-do-oceano/>.

LADEIRA, Maria Inês. **Espaço geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso**. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 2015. b. Disponível em: https://biblioteca.trabalhoindigenista.org.br/wp-content/uploads/sites/5/2020/09/ESPACO_GEOGRAFICO_GUARANI_MBYA-TESE_MARIAINESLADEIRA_compressed.pdf.

MARACCI, Marilda. **Progresso de morte, progresso de vida: a reterritorialização conjunta dos povos Tupiniquim e Guarani em luta pela retomada de seus territórios**. 2008. UFF, [S. l.], 2008.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Mapa etno-histórico de Curt Nimunedaju**. Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

NOELLI, Francisco Silva; **Sem Tekohá não há Teko: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia de subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do rio Jacuí-RS**. 1993. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Porto Alegre, [S. l.], 1993.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guaraní**. São Paulo, SP: EdUSP, 1975.

STEWART, Julia H. et al. **Handbook of South American Indians**. 1. ed. Washington: Smithsonian Institution, 1946.

- TEAO, Kalna Mareto. **Território e Identidade dos Guarani Mbya do Espírito Santo (1967-2006)**. 2015. Universidade Federal Fluminense, [S. l.], 2015.
- TEAO, Kalna Mareto. A transferência dos Guarani Mbya para Carmésia. *In*: ANAIS DO ENCONTRO E XVIII ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO: HISTÓRIA & PARCERIAS 2018, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2018. p. 19. Disponível em:
[https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529358403_ARQUIVO_AtransferenciadosGuaraniMbyajuntoaosKrenak\(2\).pdf](https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529358403_ARQUIVO_AtransferenciadosGuaraniMbyajuntoaosKrenak(2).pdf).
- TEAO, Kalna Mareto. Território e identidade dos Guarani Mbya do Espírito Santo (1967-2006). *In*: BENTIVOGLIO, Julio (org.). **Histórias dos povos indígenas do Espírito Santo. Volume 3: Os Guarani**. 1º ed. Vitória: Milfontes, 2019. p. 13–60.
- TEAO, Kalna Mareto; LOUREIRO, Klítia. **História dos índios do Espírito Santo**. 1º ed. Vitória: Ed. do Autor, 2009.
- URBAN, G. A História da Cultura Brasileira Segundo as Línguas Nativas. *In*: **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 87–102.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem - e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2002.